

A hipo e a hipersegmentação em dados de escrita de alunos da 8ª série: influência exclusiva dos constituintes prosódicos?

CRISTIANO EGGER VEÇOSI

Mestre em Letras, pela Universidade Federal de Santa Maria (2010), autor da dissertação intitulada: A interferência da fala na escrita de alunos de 8ª série de uma escola pública: uma perspectiva conexionista.

E-mail: cristiano_letras@yahoo.com.br.

Resumo: Neste artigo, tendo como base as considerações teóricas de diversos pesquisadores acerca das segmentações não-convencionais de escrita, bem como as categorias elencadas por Cunha (2004) para a análise de dados dessa natureza, analisamos dados oriundos de produções escritas de alunos de 8ª série de uma escola pública do município de Santa Maria-RS. Tal como Silva (1989; 1994) e Capristano (2007), dentre outros, procuramos mostrar, por meio dos casos de hipo e hipersegmentação analisados, a presença, na escrita do aprendiz, de fatores não só da oralidade como também de convenções próprias da escrita – ou então, conforme a terminologia de Corrêa (2004) – do “código escrito institucionalizado”.

Palavras-chave: hipossegmentações; hipersegmentações; oralidade; escrita

GIOVANA FERREIRA GONÇALVES

Professora Adjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Orientadora da pesquisa.

E-mail: gfgb@terra.com.br.

Abstract: In the present paper, having as a foundation theoretical considerations of a range of researchers concerning the non-conventional segmentations of writing, as well as the categories pointed out by Cunha (2004) for the data analysis of such nature, we scrutinize data derived of written productions of 8th grade pupils of a public school of the city of Santa Maria. As Silva (1989; 1994) and Capristano (2007), amongst others, we aim to show, by means of the analyzed cases of hypo and hyper-segmentation, the presence of not only orality factors but also conventions that are proper of writing in the productions of the pupils - or then, as the terminology of Corrêa (2004), the “institutionalized written code”.

Keywords: hypo-segmentation; hyper-segmentation; orality; writing

1 Introdução

Ao iniciar o processo de aquisição da escrita, a criança, que desde o seu nascimento (ou, até mesmo, antes dele), já está em contato com os sons de sua língua, depara-se com um sistema marcado por uma série de convenções do qual, em virtude da importância social, deve se apropriar.

Sendo a oralidade um dos alvos a partir dos quais a criança constrói suas hipóteses ao escrever, vemos que a modalidade oral influencia não só as grafias em termos segmentais, como também prosódicos. Isso porque, na escrita, as fronteiras existentes entre os vocábulos parecem ser marcadas mais claramente pelos espaços em branco entre as palavras. Como resultado de tais diferenças, encontramos casos de junturas e/ou separações indevidas de palavras.

No que tange a essas alterações caracterizadas por junção ou separação não convencional das palavras, Zorzi (1998) assinala que, usando como critério a fala oral, as crianças acabam unindo palavras entre si ('asvezes' (às vezes)) ou fracionando-as em menor número de sílabas do que deveriam ter ('na quele' (naquele)). Segundo Silva (1989, 1994), um dos pioneiros ao tratar de tais ocorrências, o primeiro caso compreende o que o autor chama de *hipossegmentação* (junção) e o segundo, *hipersegmentação* (segmentação indevida). Com base em Cagliari (1989), Zorzi (Ibidem, p. 61) afirma que tais casos estão ligados à fala, à entoação do falante, o qual pronuncia as palavras segmentando-as em grupos tonais, representando, desse modo, esse aspecto em sua escrita, por meio dos espaços em branco colocados indevidamente entre palavras, ou no interior de uma mesma palavra, ou também por meio de junções indevidas.

Neste trabalho, a partir do estudo realizado por Cunha (2004) com crianças de 1ª a 4ª série sobre segmentações de escrita, procuramos observar a incidência de tais casos em textos de alunos de 8ª série

de uma escola pública¹. Tal como a autora, visamos a observar se a hierarquia prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986) é pertinente para a explicação das grafias produzidas por esses aprendizes. Além disso, tencionamos verificar a influência de aspectos próprios da escrita nas junturas e segmentações analisadas.

Desse modo, o presente artigo encontra-se organizado em cinco partes: Introdução; Referencial teórico; Descrição dos dados; Análise dos dados; Conclusão. Algumas dessas macro-seções apresentam subdivisões. Ao final, encontra-se a relação bibliográfica dos textos consultados para a elaboração deste estudo.

¹ Os dados aqui analisados são oriundos de 35 textos, produzidos por 27 alunos de duas turmas de 8ª série de uma escola pública estadual (8ª B e 8ª D). Tais produções, fábulas, não foram coletadas especificamente para essa pesquisa; trata-se de atividades realizadas no período de Estágio Supervisionado do autor deste artigo, realizado no ano de 2006.

2 Referencial Teórico

2.1 Os constituintes prosódicos

Bisol (2005, p. 243), ao apresentar a proposta de organização prosódica de Nespore e Vogel (1986), parte da noção de constituinte, o qual, segundo a autora, “é uma unidade linguística complexa, formada por dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante/dominado”.

Desse modo, os constituintes prosódicos, que, conforme a autora, não apresentam, necessariamente, relação isomórfica com outros constituintes gramaticais (sintáticos, morfológicos, entre outros), encontram-se, em Nespore e Vogel (1986), organizados sob a seguinte hierarquia (do menor para o maior): sílaba – pé métrico – palavra fonológica – grupo clítico – frase fonológica – frase entonacional – enunciado. Dessa hierarquia, tendo em vista os objetivos de nosso estudo, centrar-nos-emos nos constituintes palavra fonológica e grupo clítico.

No constituinte chamado de palavra fonológica, ocorre a interação entre morfologia e fonologia. Assim como todo constituinte, a palavra fonológica é composta pelo elemento imediatamente anterior na hierarquia prosódica: o pé métrico. Conforme Bisol (Ibidem, p. 247), a palavra fonológica apresenta apenas um elemento

proeminente: um acento primário. Desse modo, em palavras compostas, como ‘beija-flor’, temos uma palavra morfológica, mas duas fonológicas, já que existem dois acentos (‘beija-flor’).

Já quanto ao grupo clítico, este, segundo Bisol, pode ser definido como “a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo”. (Ibidem, p. 248).

A autora assinala que há, na literatura da área, uma discussão sobre se realmente existiria o grupo clítico ou este deveria ser considerado como uma só palavra fonológica². Tal indefinição deve-se ao fato que, no português, há casos em que o clítico passa a compor, com a palavra de conteúdo adjacente, uma só unidade, formando, assim, uma palavra fonológica (com um só acento primário) e casos nos quais o clítico tem liberdade com relação à palavra seguinte, o que evidenciaria que ele não seria apenas parte de palavra fonológica. No primeiro caso, assinala Bisol (Ibidem, p. 248), “o clítico constitui com a unidade adjacente um só vocábulo” – ‘me leve’: [me lɛvi]ω; no segundo, “o clítico se comporta com certa independência com relação ao vocábulo adjacente, sofrendo a regra de neutralização tal qual a palavra de acento próprio” – ‘me leve’: [[mi]ω[lɛvi]ω] C³.

Bisol mostra-se mais simpática à segunda posição, a qual considera a existência do clítico como uma palavra independente que se liga a uma palavra de cunho lexical, formando com ela um só grupo. A autora (Ibidem, p. 250) comprova a validade de seu posicionamento por meio da operação de sândi, já que, no caso da elisão, esta não ocorre no interior da palavra, mas ocorre no grupo clítico, o que comprovaria que este se comporta como um vocábulo independente.

2.2 O estudo de Cunha (2004) sobre os casos de segmentação na escrita infantil

Cunha (2004) estudou a ocorrência de hiper e hipossegmentação em dados de escrita. Para tanto,

² Conforme Bisol (2005, p. 249), Câmara Jr. mostra-se favorável a esta segunda posição.

³ ω corresponde à palavra fonológica e C ao grupo clítico.

analisou 74 textos, produzidos por 10 informantes, com idades de 6 a 11 anos, alunos de 1ª a 4ª série de duas escolas da cidade de Pelotas-RS, uma pública e a outra particular⁴. As coletas foram realizadas semi-longitudinalmente, a partir de oficinas de produção textual.

Embora, no estudo da autora, tenham sido consideradas variáveis de cunho linguístico e extra-linguístico, concentramo-nos aqui nas variáveis dependentes linguísticas hiper e hipossegmentação.

Dentre os casos de hiper e hipossegmentação analisados por Cunha (2004), a autora estabeleceu uma subdivisão em quatro categorias: a) palavra gramatical + palavra fonológica; b) palavra fonológica + palavra gramatical; c) palavra gramatical + palavra gramatical; d) palavra fonológica + palavra fonológica. O quadro 1 traz exemplos referentes aos casos de hipossegmentação encontrados nos dados analisados pela autora.

CASOS DE HIPOSEGMENTAÇÃO		
TIPO	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
a) palavra gramatical + palavra fonológica	Como palavras gramaticais, são encontrados: artigos, preposições, pronomes e conjunções.	‘oelho’ (o coelho); ‘umdia’ (um dia); ‘derepente’ (de repente); ‘medeu’ (me deu); ‘evem’ (e vem)
b) palavra fonológica + palavra gramatical	Poucos dados, compostos por verbo + pronome (ênclise).	‘chamavase’ (chamava-se); ‘matalo’ (matá-lo)
c) palavra gramatical + palavra gramatical	Pouquíssimos casos.	‘oque’ (o que); ‘eo’ (e o)
d) palavra fonológica + palavra fonológica	Formação de frases fonológicas, sendo o cabeça um nome, um verbo ou um adjetivo.	‘belodia’ (belo dia)

QUADRO 1: Casos de hipossegmentação, conforme Cunha (2004)

Nos dados analisados por Cunha (2004), quanto às hipossegmentações, houve predomínio da juntura entre palavra gramatical + palavra fonológica (‘olobo’) – maioria – e palavra fonológica + palavra fonológica (‘miaroupa’).

⁴ As produções textuais foram coletadas de 2001 a 2004 e fazem parte do banco de dados do Projeto de Pesquisa: Aquisição e Desenvolvimento da Escrita: Ortografia, o qual é coordenado pela Profa. Dr. Ana Ruth Moresco Miranda (UFPeI).

No primeiro caso, a falta de acento do clítico é o fator motivador das junções.

Os casos de junção entre palavra fonológica + palavra gramatical geralmente são motivados pela formação de uma palavra fonológica. Desse modo, há tendência à constituição de palavras proparoxítonas: ‘falavase’ (falava-se), ou de trissílabas paroxítonas que formam pé de cabeça medial: ‘pegala’ (pegá-la). Além disso, há respeito ao constituinte sílaba, havendo muitas vezes, para isso, ocorrência de processos de ressilabação, tais como ditongação e degeminação, bem como a preservação do pé métrico da língua.

O quadro 2 apresenta ocorrências de hipersegmentação extraídas dos dados da pesquisa de Cunha.

CASOS DE HIPERSEGMENTAÇÃO		
TIPO	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
a) palavra gramatical + palavra fonológica	Reconhecimento, na primeira sílaba, de uma palavra gramatical, restando, à direita, uma palavra fonológica, lexical ou não.	‘em bora’ (embora); ‘da nada’ (danada); ‘com migo’ (comigo); ‘e lástico’ (elástico)
b) palavra fonológica + palavra gramatical	Reconhecimento de palavras existentes na língua, à esquerda. Em todo o corpus, apenas três ocorrências.	‘gitan do’ (gritando); ‘correm do’ (correndo); ‘tu do’ (tudo)
c) palavra gramatical + palavra gramatical	Um único caso: ‘por que’ (porque). Segmentação viável, visto que ambas as grafias existem na língua.	‘por que’ (porque)
d) palavra fonológica + palavra fonológica	Apresentam três configurações, conforme as palavras envolvidas sejam lexicais ou não.	‘verda deiro’ (verdadeiro); ‘ter mina’ (termina); ‘chapeu sinho’ (chapeuzinho)

QUADRO 2: Casos de hipersegmentação, conforme Cunha (2004)

Nos casos de hipersegmentação analisados por Cunha (2004), há predomínio da mesma configuração dos casos de hipossegmentação: a) palavra gramatical + palavra

fonológica ('a trasado') – maioria – e b) palavra fonológica + palavra fonológica ('ar partamento'). Do mesmo modo, os dados que envolvem uma palavra gramatical e uma palavra fonológica possuem a mesma motivação da hipossegmentação: o reconhecimento de uma palavra gramatical. Nesse caso, a criança identifica um clítico na sílaba inicial de uma palavra e, conseqüentemente, isola-o, ocasionando a formação de duas palavras, uma gramatical e outra fonológica, sendo esta de significado lexical ou não, mas com preservação de um pé métrico, na maioria dos casos um troqueu silábico: 'com migo' (comigo).

Nos dados de Cunha (2004), as segmentações que resultam em palavra fonológica + palavra gramatical e palavra gramatical + palavra gramatical mostraram-se como exceções. Tal como nas ocorrências de hipossegmentação, observou-se, na hipersegmentação, a preservação das estruturas silábicas da língua e do pé métrico trocaico.

De acordo com Abaurre (1991, p. 208), a constante presença, nos dados de hipersegmentação, de palavras dissílabas ou trissílabas com acento na penúltima sílaba leva a crer que a criança tem internalizada uma forma canônica de palavra, ou seja, ela identifica como palavra a forma mínima dissílaba paroxítona.

Quanto à estrutura d) (palavra fonológica + palavra fonológica), conforme expusemos no quadro acima, Cunha (Ibidem, p. 109) estabelece três subdivisões, de acordo com a natureza dos termos envolvidos: 1) uma palavra fonológica transforma-se em duas que não possuem significado na língua ('tor meiro' – *torneio*); 2) uma palavra fonológica transforma-se em duas palavras lexicais ('mau tratados' – *maltratados*); ou 3) uma palavra fonológica transforma-se em duas, uma lexical e outra sem significado ('man deu' – *mandou*).

O terceiro caso é, muitas vezes, resultado da incorporação de um sufixo detentor de acento a um radical, ocasionando a formação de duas sílabas acentuadas na

palavra, o que leva a que o aprendiz a hipersegmente, por interpretá-la como duas unidades. Por exemplo: a junção ‘chapéu’ + ‘zinho’⁵, observada nos dados analisados por Cunha (2004), provoca uma sequência de duas sílabas sucessivas acentuadas. Conforme a autora, a segmentação operada pela criança (‘chapeu zinho’) resolve o choque de acento.

Além disso, nos dados analisados por Cunha, foram observados casos de hipossegmentação e hipersegmentação em uma mesma sequência. Conforme a autora, alguns dados sugerem a sequência hipo → hiper segmentação: ‘quem fim’ (que enfim): que enfim > qu[e] nfm > quem fim; ‘ele vou’ (e levou): e levou > elevou > ele vou. Esses casos parecem acontecer da seguinte forma: primeiro a criança hipossegmenta a sequência para depois hipersegmentá-la. Tanto a hipo quanto a hipersegmentação têm as mesmas motivações que as junturas ou segmentações descritas anteriormente.

Com relação à afirmação de Cunha referente à ocorrência ‘chapeu zinho’ (chapeuzinho), na qual, segundo ela, a segmentação resolveria, também, o choque de acento, parece-nos que, na verdade, o choque de acento é resolvido na oralidade com a transferência do acento secundário para cha- somente. Na escrita, a segmentação parece ocorrer simplesmente motivada pela separação da sequência em duas palavras fonológicas pelo papel da morfologia. Quanto aos casos nos quais há hipo e hipersegmentação, acreditamos que, observando apenas os dados de escrita, sem um acompanhamento do que a criança diz a respeito das segmentações e junturas que opera, das hipóteses formuladas ao escrever, não é possível afirmar com certeza que haja a sequência hipo → hipersegmentação.

⁵ Convém assinalar que se está considerando como palavra sem significado unidades que não têm existência isoladamente. Desse modo, mesmo que o sufixo ‘-zinho’ seja detentor de informação semântica, já que indica diminuição, ele só adquire tal significado quando anexado a uma palavra de conteúdo, não tendo existência própria.

2.3 A aquisição da escrita, as segmentações não-convencionais e o Conexionismo

Tenani (2008), ao analisar ocorrências de segmentação não-convencional de palavras, afirma que tais casos têm sido bastante estudados em textos produzidos por crianças em fase inicial da aquisição da escrita, mas há poucos trabalhos “sobre o que ocorre com os textos de adultos no que diz respeito a esse aspecto”. (Ibidem, p. 233).

Ao analisar o texto de um aluno de EJA (Educação de Jovens e Adultos), o qual, na época da coleta, tinha 35 anos, Tenani chegou a certas constatações, das quais destacamos duas principais: 1) no texto do adulto, tal como no da criança, há predomínio da hipossegmentação (o trabalho de Cunha, 2004, aponta, também, para isso, bem como a pesquisa de Ferreiro e Pontecorvo, 1996⁶); 2) dentre os casos de hiper e hipossegmentação, predomina a estrutura clítico (palavra gramatical, portanto) + item lexical, resultado também observado nos dados infantis analisados por Cunha (2004).

Além disso, tal como em Cunha (2004), Tenani (2008) observou, nos dados de seu estudo, a ocorrência de flutuação, em um mesmo texto, da maneira de grafar, quanto à colocação do espaço em branco entre um mesmo clítico e uma palavra lexical (casos de ‘umpouco’ a ‘un galo’). No caso do exemplo, a forma ‘um’ quando seguida de item lexical que tem acento primário. A autora questiona, então, qual o motivo de tal flutuação⁷.

Tanto Tenani (2004; 2008), quanto Chacon (2004) e Capristano (2004; 2007) consideram, na análise das segmentações não-convencionais de palavras, o modo heterogêneo de constituição da escrita, conforme a proposta de Corrêa (2004). Nessa perspectiva, concebe-se que o texto “é resultado do encontro entre práticas orais e letradas na produção escrita” (CHACON, Ibidem, p. 224), de modo que, acrescenta o autor, “não existiriam textos e/ou discursos que poderiam ser caracterizados como

⁶ Este estudo verificou a ocorrência de segmentações não-convencionais na escrita de crianças de quatro países: México, Brasil, Uruguai e Itália.

⁷ Essa flutuação, apontada por Tenani, também está presente nos dados analisados por Silva (1994) e por Cunha (2004), e parece ser também frequente em outros trabalhos sobre segmentações na escrita.

essencialmente orais ou essencialmente escritos; todos seriam, em verdade, produtos de um modo heterogêneo de constituição”.

No caso específico das segmentações não-convencionais, observadas em textos escritos, estas são explicadas por esses autores como sendo motivadas tanto por fatores prosódicos (influência da hierarquia prosódica), quanto o resultado da apreensão, por parte do aprendiz, de convenções pertencentes ao código escrito institucionalizado⁸. Nas palavras de Abaurre (2002, p. 137):

Assim, se é verdade que, em alguns momentos, por trás das hipóteses de escrita está a fala, revelando-se através de características que a criança (ainda não influenciada pela própria escrita!) demonstra perceber muito bem, é também verdade que ela já incorpora em muitos outros momentos as marcas específicas dessa escrita que está sendo chamada a contemplar.

Tal posicionamento, a nosso ver, mostra-se consonante com a perspectiva conexionista, haja vista que, nesta, considera-se a riqueza do input, o qual, sendo de diferentes naturezas, provoca uma heterogênea fonte de generalizações para o aprendiz. Dito de outro modo, o sujeito extrai padrões a partir de estímulos de naturezas diversas de forma que, no caso específico das segmentações, mostram-se atuantes tanto os padrões extraídos da oralidade (fatores prosódicos e noções relativas a acento), quanto os da escrita (ocorrências próprias do código escrito institucionalizado).

Além disso, a presença de segmentações diferenciadas para uma mesma unidade (“flutuações” em um mesmo texto), tal como apontada por Tenani (2008), a nosso ver, pode ser explicada, também, por meio do Conexionismo. A consideração de que, a cada mapeamento, os traços que compõem determinada

⁸ Termo utilizado no sentido cunhado por Corrêa (2004), estando ligado, portanto, a certas convenções da escrita, internalizadas pelo aprendiz, principalmente a partir da escolarização.

unidade, os quais se encontram de modo espalhado pelos neurônios, unem-se de determinada maneira, leva à possibilidade de que existam formas oscilantes, como resultado da ação conjunta de diferentes estímulos, bem como de engramações “fracas”. Assim, no caso da escrita, é possível que o escrevente oscile entre uma forma e outra, a cada vez que for escrevê-la.

Capristano (2007, p. 9), referindo-se a casos de hipersegmentação, aponta a presença de padrões da escrita, ao afirmar que “os pontos de corte, nesses dados, parecem ser momentos em que a criança reconheceu unidades que na escrita aparecem com frequência separadas: *em bora, na quella* ou *em com tado*”, ou seja, a hipersegmentação ocorreria pelo reconhecimento de palavras gramaticais. A autora analisou 45 textos, produzidos por três crianças, com idades entre 6 e 7 anos, que, no ano de 2000, estavam na 1ª série do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto-SP.

Com relação à influência de padrões mais ligados à escrita nas segmentações operadas pelas crianças, vemos que o posicionamento expresso por Capristano (2007) tem por base o raciocínio de Silva (1989, 1994). Este autor, pioneiro na investigação sobre casos de junção e segmentação indevidas, investigou as hipóteses sobre os aspectos da oralidade utilizados pela criança como referência para as segmentações da escrita. Com relação às separações observadas, o autor diz que, em certos casos, “as sílabas resultantes das hipersegmentações se assemelham ao que, em nossa metalinguagem, denominamos artigos, preposições, conjunções, etc.” (SILVA, 1994, p. 37). O autor analisou 70 textos espontâneos, produzidos por alunos da 1ª série de escolas pública e particular da cidade de Campinas-SP, durante o ano de 1984.

A tendência por isolar *seqüências gráficas autônomas*, observada em textos de crianças brasileiras, é também atestada nos casos de hipersegmentação operados por crianças falantes do espanhol e do italiano. Desse modo, tanto em português, quanto em espanhol

e em italiano, “*as mesmas sequências que produzem a maior parte dos problemas de hipossegmentação são também as que produzem a maior parte dos problemas de hipersegmentação*”. (cf. FERREIRO & PONTECORVO, 1996, p. 61).

Assim, como se poderá ver na análise do *corpus* de nosso estudo, embora o maior número de ocorrências de segmentações indevidas tenha sido motivado por fatores prosódicos (da oralidade, portanto), observamos, também, a influência de certas convenções exclusivas da escrita sobre as grafias dos aprendizes, o que comprova a presença de diversidade nos fatores dos quais o aprendiz, por generalização, extrai padrões.

Cabe assinalar, também, que, nas segmentações não-convencionais de escrita operadas pelos aprendizes, atuam não só fatores prosódicos como também sintáticos e semânticos. (cf. ABAURRE, 1991).

3 Descrição dos dados

O quadro 3 mostra as ocorrências encontradas no corpus de nosso estudo quanto à hipossegmentação (junção indevida) e à hipersegmentação (segmentação indevida) de vocábulos. No caso das palavras em que houve mais de uma ocorrência, discriminamos o número entre parênteses.

JUNÇÃO/SEPARAÇÃO NÃO-CONVENCIONAL DE PALAVRAS – 8ª série	
TIPO DE ERRO	OCORRÊNCIAS
Hipossegmentação	‘machuc <u>a</u> lo’ (machucá-lo), ‘agente’ (a gente), ‘al <u>m</u> enos’ (ao menos), ‘as <u>v</u> eses’ (às vezes), ‘en <u>q</u> uando’ (e quando), ‘um <u>a</u> grande’ (uma grande), ‘um <u>d</u> ia’ (um dia) (2x), ‘ant <u>e</u> so’ (antes o), ‘dis <u>s</u> eque’ (disse que), ‘peg <u>a</u> lo’ (pegá-lo)
Hipersegmentação	‘des cansado’ (descansado), ‘maca quinho’ (macaquinho)

QUADRO 3: Erros motivados pela junção/separação não-convencional de palavras - 8ª série

No quadro 3, estão os erros produzidos pelos alunos da 8ª série referentes à categoria junção/separação não-convencional de palavras. O número de casos de hipossegmentação é bastante superior aos de hipersegmentação, conforme mostramos na figura 1.



FIGURA 1: Junção/separação – Percentual de hipo e de hipersegmentações

No quadro 4, apresentamos os dados de nosso estudo categorizados conforme a classificação de Cunha (2004). A descrição e a análise encontram-se na seção seguinte deste artigo.

HIPO E HIPERSEGMENTAÇÃO – 8ª SÉRIE		
TIPO	HIPOSEGMENTAÇÃO	HIPERSEGMENTAÇÃO
a) Palavra gramatical + palavra fonológica	‘agente’ (a gente), ‘almenos’ (ao menos), ‘asveses’ (às vezes), ‘enquando’ (e quando), ‘umagrande’ (uma grande), ‘umdia’ (um dia) (2x)	
b) Palavra fonológica + palavra gramatical	‘machucalo’ (machucá-lo), ‘anteso’ (antes o), ‘disseque’ (disse que), ‘pegalo’ (pegá-lo)	
c) Palavra gramatical + palavra gramatical		
d) Palavra fonológica + palavra fonológica		‘maca quinho’ (macaquinho)

QUADRO 4: Casos de hipo e hipersegmentação – 8ª série

Vale salientar que, no caso da ocorrência ‘des_cansado’ (descansado), pela peculiaridade que este dado apresenta, preferimos analisá-lo separadamente, razão pela qual não o incluímos no quadro acima⁹.

4 Análise dos dados

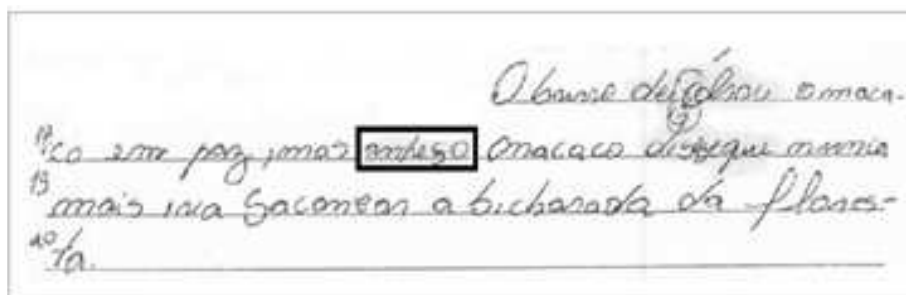
Dentre os erros atestados em nossos dados, observamos que, no caso daqueles resultantes da hipossegmentação, eles envolvem a consideração, por parte do aprendiz, da estrutura composta por *palavra gramatical* (artigo, conjunção, pronome, etc.) + *palavra lexical* (ou vice-versa) como um único item lexical. Isso ocorre porque as palavras de cunho gramatical, por não serem acentuadas, não são interpretadas como vocábulos isolados, sendo ligadas a itens lexicais que detêm acento, o que demonstra, em todos os casos de hipossegmentação atestados, a influência do grupo clítico.

Nas ocorrências ‘machucalo’ (machucá-lo) e pegalo (pegá-lo), vemos a junção de um pronome pessoal do caso oblíquo à forma verbal que o antecede. Tal pronome, não sendo portador de acento, é anexado à palavra de conteúdo que o antecede, configurando, também, casos de hipossegmentação. Mostraremos, ao final da análise, a atuação do *código escrito institucionalizado* sobre ocorrências como essa.

Em ‘anteso’ (antes o), verificamos uma ocorrência pouco frequente, na qual o clítico aparece depois da palavra lexical com a qual se uniu, o que atesta um caso de quebra de sintagma. Ao contrário da explicação dada por Cunha (2004, p. 90) para dado similar encontrado no corpus de seu estudo, aqui não se trata de o clítico encontrar-se no final de uma frase, como vemos no recorte do texto do aluno, apresentado em (1).

⁹ Agradecemos à Profa. Dr. Luciani Tenani, que, no II Seminário de Aquisição Fonológica, realizado de 10 a 13 de novembro de 2009, em Santa Maria-RS, alertou-nos para a necessidade de tratar desse dado separadamente.

(1)



Entre os dados, chama a atenção a grafia ‘enquando’ (e quando), na qual, além de realizar a juntura entre as conjunções ‘e’ e ‘quando’, o aluno inclui um ‘n’ no interior da palavra, resultando numa estrutura que sugere que possa ter havido uma relação de analogia com a palavra ‘enquanto’. Outra explicação possível é a de que tal grafia tenha sido motivada pela assimilação da nasal, que está presente na sílaba seguinte.

Os casos de hipersegmentação envolvem, também, problemas com relação ao acento. No caso do vocábulo ‘macaquinho’, grafado como ‘maca quinho’ pelo aluno, a incorporação de um sufixo acentuado (‘-quinho’), o qual configura uma palavra dissílaba paroxítone – estrutura apontada por Abaurre (1991) como uma unidade mínima identificável como palavra pelas crianças no início da aquisição da escrita – faz com que o sujeito deixe de interpretar tal item lexical como um único vocábulo e, desse modo, opere com a segmentação [[maka]ω[kĩju]ω].

Desse modo, em termos semânticos, a segmentação ‘maca quinho’ mantém, à esquerda, uma palavra existente na língua (‘maca’) – estrutura dissílaba paroxítone – bem como, à direita, um sufixo indicativo de diminutivo (‘quinho’). Esse dado parece ser similar à ocorrência ‘chapeu sinho’ (chapeuzinho), observada nos dados analisados por Moreira e Pontecorvo (1996, p. 83-84). As autoras também apontam a atuação da semântica em tal hipersegmentação.

Considerando as categorias estabelecidas por Cunha (2004), para a análise dos casos de hiper e

hipossegmentação, percebemos que, em nossos dados, no caso da hipossegmentação, do mesmo modo que no trabalho da autora, há o predomínio da estrutura palavra gramatical (artigo ou conjunção) + palavra fonológica: ‘agente’ (a gente), ‘almenos’ (ao menos), ‘asveses’ (às vezes), ‘enquando’ (e quando), ‘umagrande’ (uma grande), ‘umdia’ (um dia). Contudo, há, também, em menor número, a ocorrência de palavra fonológica + palavra gramatical (artigo ou pronome enclítico) – ‘anteso’ (antes o), ‘machucalo’ (machucá-lo), ‘disseque’ (disse que), ‘pegalo’ (pegá-lo).

No corpus de nossa pesquisa, não foram observados casos de juntura envolvendo palavra gramatical + palavra gramatical e palavra fonológica + palavra fonológica. Nos casos de hiperssegmentação, a ocorrência classificada pertence à configuração palavra fonológica + palavra fonológica: ‘maca quinho’ (macaquinho). Ambos os contextos foram também os mais frequentemente atestados no corpus da pesquisa de Cunha (2004).

Quanto a essa estrutura (palavra fonológica + palavra fonológica), conforme a sub-categorização de Cunha (Ibidem, p. 109), vemos que o caso observado em nossos dados (maca_quinho) apresenta a configuração palavra lexical + palavra sem significado lexical (sufixo). A separação realizada pelo aluno preserva, em ambas as palavras resultantes (tanto em ‘*maca*’, quanto em ‘quinho’) o pé métrico (proeminência à esquerda), o que assinala a formação de duas palavras fonológicas.

Para a análise do dado ‘des cansado’, recorreremos a Schwindt (2008), o qual estudou o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas do português brasileiro. Sob o aspecto prosódico, o autor estabelece uma divisão dos prefixos em incorporados, adjuntos e composicionais. Desse modo,

Os prefixos do PB podem se configurar: (a) como uma sílaba átona à esquerda de outras sílabas, formando com estas uma só palavra fonológica

(PW), num mecanismo de incorporação; (b) como uma sílaba átona à esquerda de uma PW, formando com ela uma PW recursiva, num mecanismo de adjunção; ou (c) como uma PW formada por uma ou duas sílabas, também se relacionando com outra PW e com ela formando uma PW recursiva, num mecanismo de composição prosódica. (SCHWINDT, 2008, p. 392).

Para o caso dos prefixos adjuntos, o autor exemplifica com a palavra ‘desatado’, na qual haveria, portanto, a ocorrência de um radical (‘atado’), que é uma palavra fonológica, encaixado numa palavra fonológica maior, que inclui o prefixo (‘desatado’).

Desse modo, com base na análise do autor, podemos entender o prefixo ‘des’ apresentando certa independência com relação à palavra fonológica a qual se encontra ligado. Esta pode ser a razão de o aluno, na escrita, hipersegmentar a palavra iniciada pelo prefixo ‘des’

Cabe assinalar que, em ‘des cansado’ (descansado), a segmentação conserva, também, à direita, uma palavra paroxítona (‘cansado’), a qual configura o padrão acentual do português (trocaico). Além disso, a palavra à direita tem existência na língua, o que aponta para a influência do critério semântico sobre a segmentação operada pelo aprendiz.

Em ambos os casos de hipersegmentação verificados no corpus de nosso estudo, tal como nos dados de Cunha (2004), observamos que o aprendiz, mesmo operando com uma segmentação indevida, preserva as estruturas silábicas da língua.

Voltando à análise dos dados ‘machucalo’ (machucá-lo) e pegalo (pegá-lo), podemos apontar que, tal como observou Capristano (2004, p. 253), o emprego do clítico na posição de ênclise, isto é, após a palavra lexical, denota a influência do código escrito institucionalizado,

uma convenção que é adquirida pelo aprendiz por meio do contato com a escrita, geralmente a partir da escolarização, visto que na oralidade não é comum empregar o pronome após a palavra de conteúdo.

No entanto, embora o emprego da ênclise aponte para a atuação do padrão escrito sobre a escrita do aprendiz, a junção segue uma motivação advinda da oralidade: a falta de acento do clítico faz com que este seja anexado à forma verbal (palavra lexical detentora de acento).

Conclusão

A partir do que expusemos no decorrer deste artigo, tendo como base os dados analisados em nosso estudo, bem como as conclusões a que chegaram outros pesquisadores sobre as segmentações não convencionais na escrita, vemos que, embora a principal motivação para as junções e separações indevidas seja o apoio sobre o padrão oral da linguagem – fato que denota a aplicabilidade da hierarquia prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986) para a análise de dados de escrita – observa-se, também, a atuação de padrões próprios da escrita sobre a representação que faz o aprendiz dessa modalidade da língua.

Assim, se os casos de hipossegmentação são motivados principalmente pela anexação de clíticos, ou seja, palavras de cunho gramatical, vazias de significado e não detentoras de acento, tais como artigos, preposições e conjunções, a palavras lexicais (‘demanhã’ – *de manhã*), vemos que também é este o principal fator que motiva as hipersegmentações, isto é, a identificação, no interior de uma palavra, de uma unidade gramatical existente na língua (‘a costumado’ – *acostumado*).

Cabe salientar a inexistência, em nossos dados, de casos de hipersegmentação motivados pela identificação de palavras gramaticais e, em contrapartida, o fato de a grande maioria das ocorrências envolverem a hipossegmentação. A nosso ver, tal situação indicia que

o padrão oral ainda se mostra como o maior motivador na escrita destes sujeitos, embora o emprego da ênclise aponte, em certa medida, para a atuação do padrão escrito (institucionalizado) sobre a representação (escrita) destes aprendizes.

Desse modo, tentamos mostrar em nosso estudo que, ao escrever, o aprendiz leva em conta tanto os padrões da oralidade como os da própria escrita, sendo, ambos, fontes de generalização para este. Assim, para que possamos explicar satisfatoriamente os casos de hipo e hipersegmentação, necessário se faz que consideremos não só fatores prosódicos e noções relativas a acento, como também outros critérios possivelmente mobilizados pelos aprendizes, bem como ocorrências próprias do código escrito institucionalizado.

Referências

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, Mary A. (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN*, Campinas, v. 11, p. 203-217, 1991.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; SILVA, Ademar da. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em psicologia*. São Paulo, v. 1, p. 89-102, 1993.

BISOL, Leda. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 243-255.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 39, n° 3, p. 245-260, setembro, 2004.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. *Segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHACON, Lourenço. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 39, n° 3, p. 223-232, setembro, 2004.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, Ana Paula Nobre da. *A Hipo e a Hipersegmentação nos dados de Aquisição da Escrita: Um estudo sobre a influência da prosódia*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UFPel: Pelotas, 2004.

FERREIRO, Emilia. PONTECORVO, Clotilde. Os limites entre as palavras: a segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, Emilia; PONTECORVO, Clotilde; MOREIRA, Nadja Ribeiro; HIDALGO, Isabel García. *Chapeuzinho vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. São Paulo: Ática, 1996.

MOREIRA, Nadja Ribeiro; PONTECORVO, Clotilde. Chapeuzinho/Cappuccetto: as variações gráficas e a norma ortográfica. In: FERREIRO, Emilia; PONTECORVO, Clotilde; MOREIRA, Nadja Ribeiro; HIDALGO, Isabel García. *Chapeuzinho vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. São Paulo: Ática, 1996.

POERSCH, José Marcelino; ROSSA, Adriana Angelim (Orgs.). *Processamento da Linguagem e Conexão*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Revisitando o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas do PB em uma perspectiva de restrições. *Alfa*. São Paulo. v. 52, nº 2, p. 391-404, 2008.

SILVA, Ademar. *A relação entre a fala e a segmentação na escrita espontânea de crianças da primeira série do primeiro grau*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

SILVA, Ademar. *Alfabetização - A Escrita Espontânea*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

TENANI, Luciani. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 39, n° 3, p. 233-244, setembro, 2004.

TENANI, Luciani. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. *Revista Estudos Lingüísticos*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 231-245, jan./jun. 2008.

TESSARI, E. B. *Operações Fonológicas nas alterações Ortográficas – A presença da Fonologia na Ortografia*. Dissertação de Mestrado – UCPEL – Pelotas, 2002.

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

